



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

“O VIADINHO DA ESCOLA”: VIOLÊNCIAS CONTRA ADOLESCENTES HOMOSSEXUAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

William Vieira de Souza
Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil
Endereço eletrônico: professor_cerv@hotmail.com

Celio Silva Meira
Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil
Endereço eletrônico: celiomeira2014@gmail.com

INTRODUÇÃO

A escola, com todas as transformações que ocorreram nos últimos tempos, ainda continua sendo um território de preconceitos, e por vezes, estes preconceitos são estimulados pelos (as) profissionais que nela trabalham. De acordo com Guacira Lopes Louro (1997) a escola entende e está envolvida na produção de diferenças, desigualdades e distinções, porque na verdade esta produz e exerce uma ação distintiva desde o seu início, quando separa os meninos das meninas, quando cria espaços separatistas. Um tipo de violência pouco documentado quando se tem referência à escola, a homofobia, o tratamento preconceituoso, as discriminações sofridas por jovens lidos como homossexuais, sendo que, muitas vezes, os professores não apenas silenciam, mas colaboram ativamente na reprodução de tal violência (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004). Onde os indivíduos são educados/treinados a consumir e agir segundo os padrões sociais da heteronormalidade.

Perceber o espaço escolar como um território de diferentes, e fazer com que todos aprendam desde cedo a compreender e respeitar as diferenças seria o ideal, mas, parece que isto está longe de acontecer, pois, enraizada nas instituições escolares, estão às velhas práticas pedagógicas que não dão conta de entender suas pluralidades, ou seja, em sua grande maioria, não estão dispostas a mudanças, ora por falta de conhecimento, ora por preconceito de alguns educadores.

Alinhando nossas reflexões com o pensamento de Novo (2015), o cenário de precariedade começa a se configurar já na formação de professoras/es, pois tanto os cursos de Pedagogia quanto as diferentes licenciaturas carecem de formação teórica na área de gênero e sexualidades.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



Ainda há muito preconceito de gênero na escola, em todos os seus espaços (sala de aula, corredores, quadra de esportes, refeitório...), e que se nada for feito muitas crianças vão continuar sofrendo neste ambiente que deveria ser um local de respeito e acolhimento. (NOVO, 2015, p.71).

A escola tenta, pelos mais diversos meios pedagógicos, criar meninos masculinos e meninas femininas. Portanto, o ensino escolar participa e é um dos principais instrumentos de normalização, uma verdadeira tecnologia de criar “normais”, leia-se, disciplinadas, controladas e compulsoriamente levadas a serem como a sociedade as quer. Em outras palavras, a escola pune e persegue aqueles e aquelas que escapam ao controle, marca-os como estranhos, “anormais”, indesejados (MISKOLCI, 2016).

METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão integrativa da literatura atual acerca da temática aqui exposta. Na busca dos dados de campo da pesquisa, fizemos uso da entrevista, uma ferramenta importante que proporcionou o levantamento de várias informações relativas às escolas pesquisadas a partir de uma análise das informações contidas nas falas das pessoas observadas e entrevistadas. Para tanto, foi escolhida a entrevista semiestruturada, que aliou a formulação de questões prévias, com temas que surgiram no decorrer da discussão. Os nossos interlocutores foram compostos por alunos da Educação Básica das escolas públicas e particulares do território de identidade do Sudoeste Baiano, sob a jurisprudência do NTE-20¹.

A entrevista foi iniciada conforme orienta Montenegro (2013), com uma conversa de esclarecimento com o entrevistado, “para que este entenda, por que, para que e para quem ele está relatando suas memórias”. O passo seguinte foi o preenchimento de uma ficha com nome completo, data e local de nascimento, endereço atual e a data em que se realizou a entrevista. Para preservar os nomes dos entrevistados, os mesmos estão identificados por meio de pseudônimos.

Por trabalhar com a memória oral e para registrá-la através de entrevistas, foi necessário que a fala do entrevistado fosse respeitada, ouvindo-as com atenção e de

¹ Núcleo Territorial de Educação do Estado da Bahia, no caso do Sudoeste Baiano é o de n.20 (BAHIA, 2017).



maneira consciente do fato de que o entrevistado não precisaria, necessariamente, atender a quaisquer expectativas teóricas ou metodológicas. Porém, no momento da transcrição dessas falas, foi feita a correção gráfica de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.

Os roteiros das entrevistas foram elaborados anteriormente e com questões relativas aos níveis de conhecimentos e especificidades dos entrevistados em estudo, e realizadas entre os meses de fevereiro a março de 2019.

Os recursos metodológicos usados não seguiram regras rígidas, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, em que sua “diversidade e flexibilidade” não pediram regras fixas, sem, contudo, abrir mão do rigor metodológico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa, ainda em andamento, já nos aponta alguns resultados preliminares que confirmam nossas hipóteses. Onde, alunos heterossexuais em sua maioria apresentam pensamento homofóbico e atitude negativa em relação à homossexualidade, resultando em práticas de violência contra seus pares não heterossexuais, violência essa que pode ser física, simbólica e/ou psicológica, através da exclusão e do muito recorrente uso de palavrões que se referem à homossexualidade.

Os adolescentes vítimas da homofobia por sua vez apresentam uma visão menos positiva de suas experiências escolares que seus colegas que não sofreram com a homofobia, além de outras vulnerabilidades como “vitimização homofóbica, isolamentos sociais e afetivos, ideações e tentativas de suicídio”. Vejamos depoimento:

Na minha infância era muito difícil, pois, eu morava na roça e era difícil ir para escola, e sofria muito preconceito na escola. Muito difícil mesmo. Era tão difícil ir à escola, às vezes, eu ia porque não tinha comida em casa, não tinha como tomar café ou almoçar, então eu ia, porque lá tinha coisas para comer. Era muito amigo da moça da cantina; ela sempre me dava biscoito. Eu sempre soube que era gay, era diferente, nunca cheguei a falar com ninguém de minha família abertamente, mas todos sabiam de minha opção. Estudei em duas escolas, Nadir Chagas e no Alexandre Porfírio; sofri muito preconceito, eu era chamado de xibungo, e ainda de fumo preto, e pior, às vezes, me chamavam de fumo preto queima rosca, sofri preconceito tanto pela cor de pele quanto pela opção sexual, da minha origem de zona rural, de ser pobre (Vinni, 18 anos).



O estudo aponta, ainda, também para a dificuldade dos professores em trabalhar com estas questões dentro do espaço da escola e da sala de aula. Alguns muitas vezes simplesmente ignoram situações de homofobia que presenciam entre seus alunos ou até mesmo são coniventes com esse tipo de prática, atribuindo seus preconceitos e juízos pessoais ao ensino. Afirmam que não sabem como lidar com as questões, ou muitas vezes têm medo de se envolverem. Em uma das nossas conversas, um professor nós disse: *“na minha formação não tive disciplinas que discutissem esses temas, e também não sou pago para está aqui resolvendo problemas de adolescentes.”* A formação de professores, tema recorrente nos debates nacionais, precisa contemplar estes aspectos tanto para que eles tenham recursos para lidar com situações de homofobia, como para promoverem o respeito à diversidade sexual entre os alunos. Este tipo de postura docente promove direitos no cenário escolar, assim como a segurança dos alunos homossexuais e formação de cidadãos, mas carece de apoio institucional e de políticas públicas que embasem a práxis. (DINIS, 2011).

CONCLUSÕES

Coadunando nossas reflexões com Natarelli (2013), a homofobia é uma realidade nas salas de aula, portanto para que o adolescente homossexual assuma sua identidade na escola com segurança, e se desenvolva de maneira saudável, é preciso fornecer um ambiente e recursos positivos a ele, desconstruindo o conceito de heteronormatividade que predomina na escola, nos profissionais e nos alunos, através de estratégias como: a inclusão dessa temática nos materiais pedagógicos e na prática dos professores, normas institucionais específicas para a homofobia, grupos de apoio ao adolescente não heterossexual, além de políticas públicas e programas relacionados a esta problemática.

Conclui-se que a escola não é considerada um ambiente completamente protetivo e inclusivo para o adolescente homossexual, pois dela muitas vezes são reproduzidos sujeitos intolerantes, agressivos e incapaz de pensar na diversidade como construção de “novas” identidades. Neste cenário, os estudos indicam que nela prevalece à ideia de heteronormatividade e onde mais ocorrem práticas homofóbicas envolvendo os adolescentes, que por características do próprio momento do desenvolvimento, já se enfrentam com dúvidas, conflitos e estão consolidando a construção de uma identidade



sexual. Assim, na escola, aqueles que apresentam comportamentos que não correspondem às expectativas da sociedade em relação à sexualidade e aos estereótipos de gênero, são vítimas de violência física, psicológica, e simbólica, principalmente de agressões verbais, exclusão e silenciamento. Nestes casos as escolas em geral se mostram omissas e em alguns casos, pactuantes a essas práticas.

PALAVRAS-CHAVE: Violências; Orientação Sexual; Adolescentes; Escola.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. 426 p.

DINIS, Nilson. Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 39-50, jan./abr. 2011.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. **Estado cria Núcleos Territoriais de Educação na Bahia**. Publicado em qui, 02/02/2017 - 18:00 por Ascom.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. ver. e ampl. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 2013.

NATARELLI, Taison Regis Penariol. A violência contra adolescentes homossexuais nas escolas. **XI Congresso Nacional de Educação**. EDUCARE.2013. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba-PR.

NOVO, Arthur Leonardo Costa. **O armário na escola: regimes de visibilidade de professores lésbicas e gays**. 2015. 204 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2015.